

A AUTOESTIMA COMO FATOR TRANSFORMADOR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jackeline de Araujo Oliveira (Autora); Tarcis Silva de Souza (Co-autor); Katia Costa Lima Correa de Araujo (Orientadora).

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG
jackeline.a.oliveira@hotmail.com, tarcis_gow@live.com, katiacaraujo.6@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade apresentar o projeto pedagógico de intervenção, no qual foi elaborado e vivenciado na disciplina de Estágio Curricular III, no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG. O mesmo foi aplicado na turma do 2º ano “A”, do ensino fundamental da Escola Municipal São Camilo, localizada no município de Garanhuns, agreste meridional de Pernambuco, como o título “A Autoestima como Fator Transformador no Processo de Ensino-Aprendizagem”, visando a utilização da autoestima como ferramenta no desenvolvimento e na sua aprendizagem escolar e social dos alunado. Juntamente observamos as atribuições da Coordenação Pedagógica da referida escola, aborda questões de importância primordial para a formação do docente que poderá atuar em diversos contextos da prática educativa, o mesmo teve como objetivo descrever, sistematizar e socializar as experiências adquiridas e significadas por nós, enquanto professores em formação, acerca do ambiente escolar e da prática educativa em áreas diversas.

Palavras-Chaves: Autoestima, Aprendizagem, Desenvolvimento. Coordenação.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Estágio Curricular III, que está presente na grade curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, este ofertado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns - UAG, abordam questões de importância primordial para a formação do docente que poderá atuar em diversos contextos da prática educativa, sendo exemplos de tais contextos, o Ensino Fundamental, e a Coordenação Pedagógica.

O trabalho perpassa pelo Objetivo Geral de: Desenvolver práticas pedagógicas que auxiliem o trabalho da professora do 2º ano “A”, a partir das concepções referentes ao uso da motivação para formação da Autoestima e do sujeitos Sócio/históricos, neste contexto o mesmo tem por objetivos específicos: a) Aferir concepções prévias dos alunos, acerca da motivação em relação à vida escolar; b) Trabalhar a partir da ludicidade e recursos midiáticos, o estímulo à motivação do alunado; c) Verificar contribuições acerca das atividades trabalhadas.

Estando a disciplina focada na Coordenação Pedagógica, é necessário salientar que a análise e contextualização conceitos voltados para a prática do professor nesse âmbito

específico da educação, bem como de noções voltadas para a aprendizagem dos alunos precisaram ser mobilizadas para que houvesse uma aprendizagem significativa, bem como uma regência proveitosa aos alunos, buscando estimular os aspectos propostos previamente.

A intervenção por sua vez, foi realizada na turma do 2º ano A da Escola São Camilo, que está localizada na Rua 04, número 500, no bairro Cohab I do município de Garanhuns, Pernambuco, visto que partindo de conversas informais com a professora, coordenadora, e de observações em sala de aula, percebemos a necessidade latente de um trabalho com foco na autoestima dos discentes.

Como afirma Coopersmith (1967),

“...Crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más espertas ou estúpidas, amáveis ou não. Elas desenvolvem estas ideias. Elas formam autoimagem[...], baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significantes, os pais, professores e amigos”.

Constatamos, que as crianças ao conviverem com os seus pares absorvem e reproduzem aquilo que foram lhe oferecidas ou não, seja ela de forma positiva ou negativa, contribuindo em sua formação.

METODOLOGIA

O trabalhar com a Autoestima na sala de aula tem como escolha metodológica a pesquisa-ação, na qual consiste como aspectos inovadores e se deve principalmente a três características, sendo elas: o caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social. Um ponto importante sobre a pesquisa ação e que segundo;

Embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. (DAVID TRIPP, 2005, p. 447),

Seguindo os mecanismos da pesquisa-ação as atividades desenvolvidas na escola seguiram um roteiro metodológico, para que os discentes conseguissem refletir sobre os diversos fatores que contribuem para a baixa autoestima própria e a do colega em sala.

Para a realização deste trabalho, foram realizadas sete visitas, sendo quatro para observações; uma, para entrevista-questionário; e três para intervenção ou regência; nos meses de Junho, Julho a Agosto de 2018.

Inicialmente, buscamos construir um projeto que dialogasse com a comunidade, subentendendo que esta haveria participado da construção do Projeto Político Pedagógico, todavia, ao contatarmos a escola, esse não se fez disponível pois ainda estava sendo analisado pelas instâncias responsáveis, portanto, o projeto de intervenção se deu a partir de observações da turma na qual este foi realizado, conversas informais com a professora, e a coordenadora.

As atividades decorrentes do projeto de intervenção se deu na turma do 2º ano “A”, que possui uma média de presença de 23 alunos, estes alunos em sua maioria estão na faixa etária correta para a série (ano), mas encontramos alunos retidos, estes em nossas observações possuem uma baixa autoestima mais visível, e o objetivo do projeto é diminuir ela, e que pudéssemos contribuir de alguma forma na forma em que cada aluno se ver e ver o próximo.

✚ **1º Dia de Intervenção:** Leitura deleite, com o livro “Tudo bem ser diferente”, os alunos gostaram da leitura e fizeram questionamentos a respeito do livro, grande parte deles sobre como era possíveis tais diferenças presente no livro. Aferimento dos conhecimentos prévios dos alunos. Quem são? Que turma é essa? Que escola é essa? Aqui os alunos não conseguiram de início responder essas simples perguntas, os mesmos não limitavam-se a respostas simples, e buscavam respostas mais elaboradas. Desenho com o tema “Como eu me vejo hoje”? Momento de descontração, alguns alunos fizeram mais de um desenho, coloridos ou não.

✚ **2º Dia de Intervenção:** Apresentação de recurso didático dos vídeos “Por quê ir à escola?” dos Ticolicos, e o motivacional, baseado na história do Personagem Rock Lee, do anime Naruto. Debate ao final dos vídeos. Fizemos uma roda de conversa para sabermos se os alunos entenderam o que foi lhe apresentados, e questionamos os alunos sobre o valor que a escola tem na vida de cada um, e no segundo vídeo se as ações realizadas nele são corretas, e se dali em diante ao se depararem com situações negativas ele tomaram atitudes de enfrentamento e de positividade na vida, e nunca deixar que o “outro” lhe diga e lhe imponha algo ruim em suas vidas. Atividade em papel A4. Em forma de entrevista, no qual um aluno escrevia as respostas do colega.

✚ **3º Dia de Intervenção:** Relembramos o que foi feito nas duas aulas anteriores; Desenho com o tema “Como eu me vejo após terminar meus estudos?”, aqui o intuito foi detectar se após as atividades anteriores as atitudes do pensar sobre o “Eu” e sobre o “futuro” mudaram.

ATIVIDADE DE CULMINÂNCIA: Os alunos confeccionaram de um pequeno livro, com

todas as produções realizadas em salas pelos mesmos, ao final ao saberem que os seus nomes estariam no livro como os autores do livro os alunos ficaram muito alegres.

Segundo Tapia e Fita (1999),

1. A motivação relacionada com o eu, com a autoestima, decorrente dos aspectos relacionais e afetivos ligados ao processo de ensino e de aprendizagem. Os êxitos e fracassos definem seu autoconceito, ajudando-o a formar uma imagem positiva ou negativa, motivando confiança e autoestima, impulsionando a seguir adiante, realizando novas aprendizagens.
2. Motivação centrada na valorização social (motivação de afiliação), ligada à satisfação afetiva que leva à aceitação do outro, à aprovação de pessoas ou grupos sociais.

É necessário salientar que foram pensadas as atividades vividas na regência aqui explicitada entendendo que a criança conta com necessidades básicas relacionadas à comunicação, bem como a linguagem, necessitando assim de atividades focadas na interação social para uma melhor afirmação dos conceitos necessários, bem como a necessidade de se conhecer, e se representar diante do mundo, e de seus semelhantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola supracitada está localizada em uma região que atende os mais diversos públicos, a maioria é oriundo de comunidades carentes, de um poder aquisitivos a baixo da linha da pobreza em nosso país, e com histórico de violência dos diferentes âmbitos, tais como, violência doméstica, psicológica e/ou moral, e convivem a todos momento com situações de uso de drogas, roupo, dentre outras situações que não são adequadas para tal alunado, e nem para qualquer cidadão. Estes fatores também são responsáveis pela baixa autoestima dos mesmos, contribuindo assim de forma negativa para o mal desempenho escolar.

O prédio em que a escola foi montada era uma antiga associação de moradores, e ao longo dos anos vive uma luta entre os representantes da antiga associação e os governantes da cidade, pois no atual mandato o então Prefeito nega-se a pagar pelo aluguel do imóvel, alegando que é ilegal para se fazer, pois o prédio sendo um local não privado e que tem fins para a melhoria da comunidade não poderia está cobrando por serviços que são destinados a comunidade. Essas informações foram-nos apresentadas em conversas informais, pelos integrantes da comunidade escolar ali representada por professores e gestão.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

(LDB/96 – Lei nº 9.394/96), que disciplina a educação oferecida em todos os níveis – desde a Educação Infantil até o ensino superior. Na LDB/96, os recursos públicos destinados à educação devem ser aplicados na manutenção e no desenvolvimento do ensino público, o que compreende inclusive a “aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino” (alínea IV do artigo 70).

O prédio apresenta de forma bem significativas que ele não foi pensando e nem construído para fins educacionais, não apresenta estrutura física para o funcionamento adequado da educação que ali é dada, pois mesmo com todas as dificuldades de estrutura, ela foi ao passar dos anos recebendo um ar de escola.

Do mesmo modo em que a escola não foi pensada e construída para ser uma escola, ela também quase não possui acessibilidade para alunos com deficiência de cadeirantes, ou cegos.

A escola possui matérias vasto, desde a biblioteca, que recebe doações de livros, desde o material educativo (jogos), e recebe da secretaria de educação todo o aparato necessário para a realização das aulas, de forma significativa, porém a maioria dos professores não fazem uso de tais ferramentas, ora por um mero descaso, ou em sua maioria por não saberem manusear tais ferramentas, como computadores, retroprojeto, algo que ajudaria na aprendizagem dos alunos e facilitaria o ensinar do professor.

Ora por um mero descaso, ou em sua maioria por não saber manusear tais ferramentas, tais como Computadores, retroprojeto), algo que ajudaria na aprendizagem dos alunos e facilitaria o ensinar do professor.

O corpo de profissionais em seu total é de 28, dentre eles os docentes, gestão e administrativos, no qual a maioria é concursadas. Com funcionamento nos três turnos, manhã e tarde com o ensino fundamental anos iniciais e finais, e no turno da noite a escola recebe a Modalidade de Ensino EJA – Educação de Jovens e Adultos, tais alunos são da Escola Prof. Antônio Gonçalves Dias – CAIC, localizada R. Ebenezer Furtado Gueiros, 167 - Heliópolis, Garanhuns - PE, 55298-300, anteriormente a escola São Camilo oferecia a modalidade devido a motivos internos juntamente com a secretaria a escola parou de oferecer tal ensino. Total de alunos de 370 de faixas etária diversificada, com uma pequena parte fora da faixa correta para o ano que estudam.

Se faz necessário frisar o apoio que nós enquanto estagiários, obtivemos de todo o corpo docente e administrativo da escola para a realização de nossas atividades, e partindo de tal abertura oferecida, apenas nos coube definir qual contexto seria primeiro observado, se a sala de aula, com o objetivo de melhor entender as ações pedagógicas e o contexto que estávamos nos incluindo, ou a coordenação, o que incluiria consequentemente, a prática da

coordenadora, bem como os desafios e atribuições enfrentados pela profissional, sendo definido portanto, que para um entendimento mais amplo da realidade observada, nossas primeiras observações fossem no contexto da sala de aula.

Em todas as nossas observações, foi possível perceber a preocupação da professora regente, em trabalhar com a ludicidade das melhores formas possíveis, sendo comum a utilização de leituras deleite em todos os dias de observação ao início da aula, bem como rodas de conversa, aferição de conhecimentos prévios, e perguntas estimulantes acerca do texto lido, e partindo disto, podemos verificar as possíveis contribuições para a prática educativa da professora.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Entretanto, vale ressaltar a dificuldade, por vezes, apresentada pela docente na organização da sala, ou mesmo, na obtenção de colaboração dos discentes em relação às atividades propostas, sendo importante destacar algumas metodologias dissonantes ao que foi anteriormente apresentado, tais como mudanças de lugares entre as crianças para diminuição dos barulhos provenientes das conversas dos alunos, e mesmo a utilização de uma campainha utilizada pela docente para obter atenção dos alunos.

A utilização de atividades xerografadas também foi comum nos dias de observação. Tais atividades, por vezes, se mostram pouco significativas ou reflexivas ao educando, sendo estruturadas em perguntas previamente elaboradas, sem levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema, ou mesmo os níveis de reflexão que podem ser gerados no empreendimento de tal atividade, porém, é necessário destacar aqui a justificativa da utilização de tal atividade, dada pela própria docente, que nos explicou a dificuldade de trabalhar atividades significativas na turma, seja pela falta de disciplina, seja pela diferença de níveis de aprendizado presente na sala.

A organização da turma majoritariamente em fileiras, deixa mais evidente ainda o problema com os níveis explicitado anteriormente. Na sala, podemos observar a presença de cinco fileiras, onde a primeira do canto esquerdo é composta por alunos com dificuldade em leitura e interpretação de texto.

Tal discrepância, por vezes dificultou o trabalho da professora, impedindo o trabalho significativo em algumas ocasiões, e demandando a necessidade de ajuda de uma profissional especializada de um programa complementar promovido pelos órgãos estaduais focado na alfabetização dos alunos. Este profissional se fazia presente na sala de aula ajudando estes referidos alunos que mostravam dificuldade, com atividades complementares e ajuda contínua à explicação da docente no quadro.

Outra dificuldade apresentada no período de observação em sala, foi a baixa devolutiva de atividades encaminhadas para casa pela professora. Segundo a mesma, tal dificuldade é frequente. Em suas palavras, *“eu peço para trazerem, mas geralmente é assim, poucos trazem, dizem que esquecem, que perderam o caderno ou o livro, aí dificulta, né? ”*.

Segundo Pinto (2001, p. 121),

O professor motivado e comprometido com sua prática pedagógica, Permitirá a formação de jovens que pensem, sintam e atribuam valores, como indivíduos motivados, criativos e produtivos, conscientes de seu próprio valor pessoal, interessados na sua condição de homem e cidadão, capazes de idealizar e vislumbrar um futuro melhor, do qual possam fazer parte.

Outro ponto importante de destaque ao observar a prática educativa, são os ritos realizados na escola, em relação aos discentes. Foi possível observar nos dias que estávamos presentes na escola, o início do dia letivo com o hino da cidade para os alunos de todas as turmas organizados em filas, antes de serem encaminhados a suas respectivas salas, tal atividade se mostrou pouco significativa, e muitas vezes, enfadonha aos alunos, a saída para o lanche também se dando em filas, e guiadas pelo agente de disciplina.

O último rito a se levar em consideração, é a oração pós-recreio realizada em sala de aula com os alunos pela professora, com a justificativa de acalma-los para as atividades que se seguem.

Após as observações realizadas em sala, se fez necessário visitar o contexto da prática exercida pela Coordenadora Pedagógica na realidade em que se propõe a exercer suas funções previamente estabelecidas, para que o fazer pedagógico dentro e fora da sala de aula.

A coordenadora pedagógica é formada em Pedagogia pela UPE, com pós-graduação em Psicopedagogia, e Coordenação Pedagógica e já se encontra na instituição a há nove anos, destes, os três primeiros sendo por meio de convite da secretaria de educação, e os últimos seis sendo assegurados por processo seletivo promovido pela própria secretaria de educação, e tal período, pode significar toda a relevância que a profissional tem na escola.

Em todo o nosso período de observações, foi possível perceber funcionários de diversas áreas da escola pedindo orientações, ou mesmo auxiliando a coordenadora, o que por vezes, cria laços de companheirismo e afeto entre os integrantes do processo educativo, ajudando a bem fazer a escola.

As suas atividades diárias, por vezes, se configuram em acompanhamento das professoras e de seus planejamentos em sala de aula, acompanhamento dos projetos pedagógicos Novo Mais Educação, focado em alfabetização e letramento matemático em quatro turmas de terceiro, quarto e quinto ano, e Mais Alfabetização, focado nas turmas do segundo ano, por apresentarem maior contingente de alunos com dificuldade na área.

A coordenadora também é incumbida de fazer o acompanhamento de alunos que por algum motivo, precisam de acompanhamento contínuo com os pais, seja por diagnósticos médicos relacionados ao seu desempenho escolar, ou mesmo à própria indisciplina, e partindo deste ponto, pudemos observar a dificuldade levantada pela coordenadora em incluir os pais da comunidade na escola, que muitas vezes se mostram apáticos aos convites e chamados da escola.

E, foi tomando em consideração a indisciplina apresentada pela coordenadora, que pudemos em conjunto com ela, elaborar nosso plano de ação para intervir na turma que observamos. Em suas palavras, *“eu consigo ver que eles não possuem motivação para serem alguém na vida, que muitas vezes, o problema de indisciplina deles é muito mais isso, motivação. Eles precisam se motivar, precisam que alguém fale pra eles que eles podem fazer o que querem se tiverem vontade”*.

Por fim, é plausível destacar, em sua visão, o papel do coordenador. Segundo ela, o coordenador é *“articulador, mediador e formador, oferecendo condições para que os professores trabalhem coletivamente as propostas curriculares e pedagógicas”*, mostrando desta forma, características do trabalho que observamos dela na escola, onde age exatamente como explicitado por ela, em situações solicitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina de Estágio Curricular III nos possibilitou um contato direto com um de nossos possíveis campos de atuação futuramente, abrindo assim, um leque de interpretações da prática docente que vamos desempenhar em um futuro próximo. Pudemos conhecer de maneira mais atenta, aspectos burocráticos e de caráter prático intrínsecos na coordenação pedagógica, bem conjecturar estratégias e maneiras de burlar os desafios e adversidades que

encontraremos no percurso. Depararmos com o desafio de uma atividade articulada entre os dois setores da escola (coordenação e sala de aula) tornou-se um desafio ímpar a nós, como discentes, porém, satisfatório ao término, por possibilitar o exercício de uma atividade significativa para nós, enquanto futuros profissionais de ambas as áreas. Entrar em sala de aula, e termos a oportunidade de articular um projeto em conjunto com a coordenação, tanto como observadores, quanto estagiários, proporcionou sem dúvidas, uma contribuição ímpar à nossa prática, tanto quanto experiência formativa, como parâmetro futuro para nossas experiências profissionais vindouras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Resolução CNE/CEB nº 4 de 13 de julho de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e base da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996a.

BEE, Hellen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento.** São Paulo: Artmed, 2011. 612 p. COOPERSMITH, S. Os antecedentes da autoestima. San Francisco, 1967.

PINTO, Celeida B. G. C. **O processo de construção do conhecimento na quinta série do ensino fundamental: as inter-relações professor-aluno e as implicações da gestão escolar.** Brasília: UCB, 2001.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula.** São Paulo: Loyola, 1999.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set. /dez. 2005.